

>> *Temática Especial*

A constituição da área de Artes Visuais do CAP/UFRGS: movimentos de uma investigação

Karine Storck¹

Resumo:

O presente artigo apresenta resultados parciais de uma investigação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS) que, dentre seus objetivos principais, intenciona compreender a constituição do ensino de Artes Visuais no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp/UFRGS). Com o uso de fontes diversas, como a documentação disponível nos arquivos da instituição; um acervo fotográfico disponibilizado por uma docente da área; textos e relatos ou depoimentos já publicados por docentes que integraram esta área de ensino no CAp/UFRGS, o trabalho de investigação que se apresenta pretende também organizar e disponibilizar registros acerca do histórico do ensino das Artes Visuais na instituição. Como lentes que ainda principiam tal análise, anuncia-se uma aproximação com a perspectiva foucaultiana para os estudos em educação, a qual implica a desnaturalização dos modos de ensino ali praticados e o ensaio de possibilidades para pensar-se no ensino de Artes Visuais a partir do tempo e urgências do presente.

Palavras-chave:

Ensino de Artes Visuais. CAp/UFRGS. Docência em Arte. Educação Básica.

The constitution of the CAP/UFRGS Visual Arts Department movements of an investigation

Abstract: This article presents partial results of an ongoing research in the Federal University of Rio Grande do Sul's Department of Post Graduation in Education (PPGEdu/UFRGS) which, among its main objectives, intends to understand the constitution of the teaching of Visual Arts at UFRGS' Colégio de Aplicação (CAp/UFRGS). Using different sources, such as documents available in the institution's archives; a photographic archive made available by a professor from the department; texts, reports and testimonies previously published by professors belonging to this department at CAp/UFRGS, the present research also aims to organize and provide records regarding the history of Visual Arts teaching at the institution. As lenses that are still starting to focus on such analysis, we introduce an approximation with the Foucauldian perspective towards studies in education, which implicates in the denaturalization of the teaching methods practiced there and the rehearsal of possibilities to discuss the teaching of Visual Arts from the past and the urgencies of the present.

Keywords: Visual Arts Teaching. CAp/UFRGS. Art Teaching. Basic Education.

¹ Doutoranda em Educação, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: karinestorck@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5948-7472>

La constitución del área de Artes Visuales del CAP/UFRGS: movimientos de una investigación

Resumen: Este artículo presenta resultados parciales de una investigación en desarrollo en el Programa de Postgrado en Educación de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS) que, entre sus principales objetivos, pretende comprender la constitución de la enseñanza de Artes Visuales en el Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp/UFRGS). Utilizando diversas fuentes, como la documentación disponible en los archivos de la institución; una colección fotográfica puesta a disposición por una docente de la área de enseñanza; textos y relatos o testimonios ya publicados de docentes que formaron parte de esta área de enseñanza en el CAp/UFRGS, el trabajo de investigación presentado pretende también ordenar y poner a disposición registros sobre la historia de la enseñanza de las Artes Visuales en la institución. Como lentes que aún inician dicho análisis, se anuncia un acercamiento a la perspectiva foucaultiana para los estudios en educación, lo que implica la desnaturalización de los métodos de enseñanza allí practicados y el ensayo de posibilidades para pensar la enseñanza de las Artes Visuales desde los tiempos y las urgencias del presente.

Palabras clave: Enseñanza de Artes Visuales. CAp/UFRGS. Docencia en Arte. Educación Básica.

1 Introdução

Desde o final de 2017, sou professora de Artes Visuais do CAP/UFRGS. Cheguei como a sexta professora de Artes Visuais do colégio, compondo um cenário do ensino de Arte na instituição com mais seis docentes de Música e quatro de Teatro, números que, hoje, já se alteram um pouco. Atualmente, em 2024, o colégio conta com seis docentes de Artes Visuais, seis de Teatro, seis de Música, e, desde 2019, uma de Dança². Cada linguagem artística ocupa, no CAp/UFRGS, o lugar de área de conhecimento, sendo essa também uma instância de referência e organização do trabalho docente³. Em um nível mais amplo, as áreas de ensino estão reunidas em Departamentos (como na organização de muitas universidades), que têm representação no Conselho da Unidade (instância deliberativa superior do colégio).

As/Os docentes do CAp/UFRGS, atualmente, estão lotados em quatro Departamentos: Expressão e Movimento, Comunicação, Ciências Exatas e da Natureza e Ciências Humanas. A área de Artes Visuais compõe, juntamente com as áreas de Teatro, Música, Dança e Educação Física, o Departamento de Expressão e Movimento. Depois de estar vinculado à Faculdade de Filosofia e à Faculdade de Educação, por diferentes estruturas da Universidade, hoje o CAp/UFRGS é uma Unidade Acadêmica.

Neste texto, além de traçar um breve histórico a fim de situar o leitor quanto ao início do CAp/UFRGS, pretende-se apresentar aspectos da constituição da área de ensino de Artes Visuais na instituição. Destaca-se o registro de docentes que trabalharam como professoras/es da área no período entre 1954 e 1996, e alguns apontamentos a partir de textos, relatos e outros documentos que expressam características das práticas de ensino desenvolvidas nestes primeiros tempos da instituição.

² A escola, em 2024, atende a, aproximadamente, 620 alunos, distribuídos em turmas de EF, EM e EJA.

³ Por exemplo, conta-se com uma sala de professores da área de Artes Visuais, e, periodicamente, insere-se, nas atividades de reuniões docentes, o encontro por área de conhecimento, com pautas específicas.

Entre as fontes consultadas, estão: documentos do Memorial do CAP/UFRGS, do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS e do Arquivo da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS); a secretaria da escola, que disponibilizou, por exemplo, informações relacionadas às ex-docentes da área; publicações de textos ou de relatos relacionados ao ensino da Arte e às atividades do colégio, cuja autoria é de docentes, ex-docentes, ex-estudantes e pesquisadoras/es e um acervo de fotografias cedido pela professora Luciana Brum.

2 Breve histórico do CAP/UFRGS e seus espaços

Os primórdios da Faculdade de Filosofia (à qual estiveram vinculados o curso de Didática e o CAP/UFRGS) datam de um decreto de 1936⁴. Segundo documentos referentes ao seu histórico, encontrados no Arquivo da Faced/UFRGS, verifica-se que a Faculdade de Filosofia foi, inicialmente, denominada como “Faculdade de Educação, Ciências e Letras”, integrante da Universidade de Porto Alegre⁵ (atual UFRGS, federalizada em 1950⁶), e que, antes de ter seu próprio prédio, em 1954, ocupava locais diversos, como, por exemplo, a Faculdade de Direito, o Instituto de Física e o Instituto de Química.

O curso de Didática da UFRGS, vinculado a essa Faculdade, inicia-se em 1945, “completando assim o curso de bacharelado” (HISTÓRICO, s.d.), tendo como uma de suas finalidades a de “preparar candidatos ao magistério secundário e normal”, segundo o primeiro Regimento da Faculdade de Filosofia da UFRGS (RODRIGUES, 2013, p. 127).

A criação do Ginásio de Aplicação da UFRGS efetivou-se em 1954⁷, a partir da proposição de sua criação pelo então diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade, professor Luiz Pilla, para se fazer cumprir o que já estava previsto no Decreto-Lei de 1946⁸. Em ofício ao Reitor da Universidade na época, Pilla explicita que “a criação do Ginásio de Aplicação constitui antiga aspiração da Seção de Didática desta Faculdade que se vê a braços com grandes dificuldades para a realização da experimentação didática e pedagógica tão necessária à formação de professores” (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1954).

Por designação do professor Luiz Pilla, o docente Leonardo Tochtrop e as docentes Graciema Pacheco e Isolda Holmer Paes constituíram uma comissão de estudos relacionada à forma pela qual se daria o funcionamento do Ginásio de Aplicação. Essa comissão elaborou um relatório justificando “a necessidade da imediata concretização daquela iniciativa” e apresentando um plano para sua realização (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1954). No mesmo Ofício (1954), é solicitada ao reitor a contratação de auxiliares de Didática Especial, visando prover tanto o ensino no curso de Didática quanto o ensino das diversas disciplinas, no Ginásio de Aplicação.

⁴ Decreto Estadual n. 6.194, de 30 de março de 1936.

⁵ Criada pelo Decreto Estadual n. 5.758, de 28 de novembro de 1934.

⁶ Desde a promulgação da Lei Federal n. 1.254, de 4 de dezembro de 1950, adota o nome de Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Antes disso, a Universidade foi chamada de Universidade de Porto Alegre (UPA), no período de 1934 a 1946; e de Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), de 1947 a 1950 (RODRIGUES, 2013).

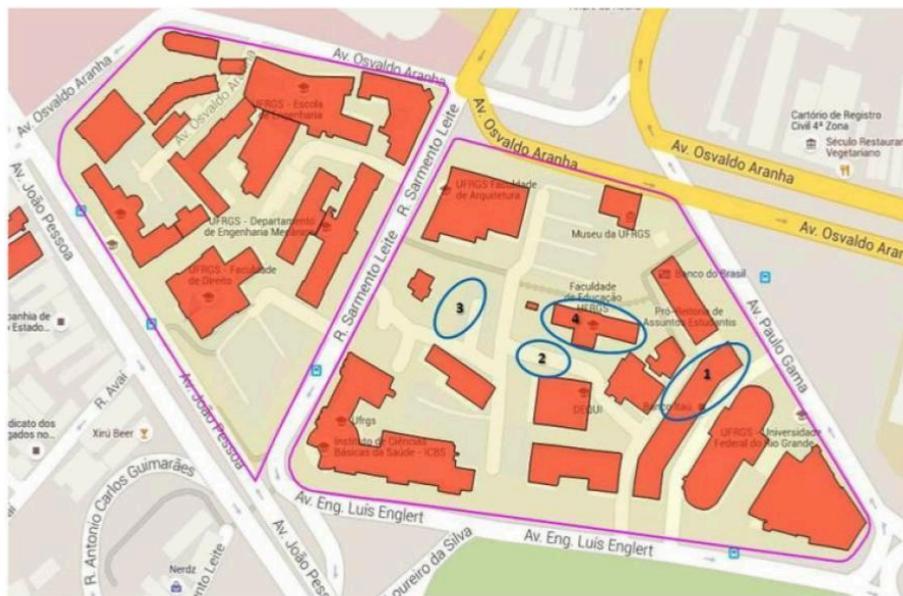
⁷ De acordo com a Portaria n. 39, de 19 de janeiro de 1954, do Conselho Universitário da UFRGS.

⁸ A UFRGS foi a 3ª Universidade Federal brasileira a implementar o ginásio de aplicação. Foi antecedida pelos colégios da UFRJ (1948) e da UFBA (1949). Como alguns dos sucessores, estão os colégios da UFPE (1958), UFS (1960), UFSC (1961) e UFJF (1965) (MOLINA, 2021).

Desde o período de sua criação, o CAP/UFRGS teve diferentes locais como sede. Na pesquisa de mestrado intitulada “Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas adormecidas entre o Arquivo e a Memória Oral (1954-1981)”, Valeska A. de Lima (2016) retoma o histórico de suas localizações, que, segundo afirma, é, atualmente, desconhecido para muitas pessoas.

A seguir, apresento uma imagem elaborada por Lima (2016), em que consta a identificação numérica em ordem crescente, indicando os quatro locais ocupados pelo CAP/UFRGS desde sua criação, junto ao Campus Central da Universidade, antes de ser realocado, em 1996, para a sede que ocupa até hoje (Figura 2).

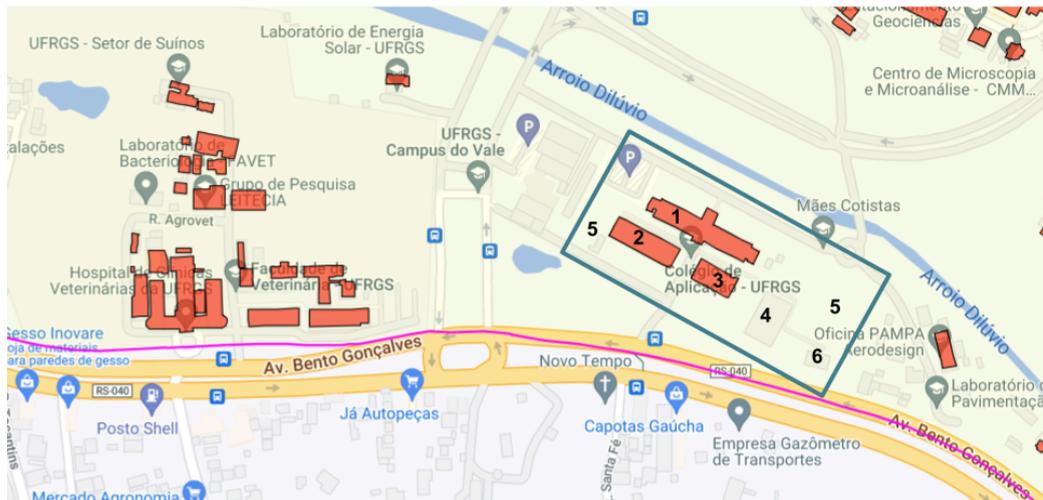
Figura 1 - Mapa de locais ocupados pelo CAP/UFRGS no Campus Central.



1. Faculdade de Filosofia (1954-1955)
2. Pavilhões de Madeira (1956-1959)
3. Brizoletas (1960-1966)
4. Prédio INEP/CAP/FACED (1966-1996)

Fonte: Lima, 2016

Figura 2 - Mapa da localização atual do CAP/UFRGS (desde 1996).



- | | |
|--|-----------------------------|
| 1. Prédio Central (portaria, secretaria, salas de aula EFII, EM e EJA) | 4. Quadra esportiva coberta |
| 2. Prédio das Alfas (salas de aulas EFI e Biblioteca) | 5. Quadra aberta |
| 3. Prédio (sala de música, teatro e atividades múltiplas) | 6. Refeitório |

Fonte: Elaborado pela autora, com base no mapa interativo da UFRGS.

A distância atual entre o CAP/UFRGS (situado logo na entrada do Campus do Vale) e a Faculdade de Educação (no Campus Central) é de, aproximadamente, 15 km. Um dos fatores que, de certo modo, dificultam a interação mais direta e frequente de docentes e estudantes das disciplinas ministradas na Faculdade de Educação⁹.

Segundo relato da professora Graciema Pacheco, fundadora e dirigente do CAP por mais de 20 anos, a instituição inicia-se “com espaços bem definidos e limitados para movimentação, recreação, práticas esportivas e atividades sociais espontâneas”, quando ocupava uma sala de aula na “dependência do prédio central da própria Faculdade de Filosofia” (PACHECO, 1987, p. 155), o número 1 que aparece na Imagem 1. No entanto, segundo ela, “o conceito da situação de aula” logo se ampliou,

[...] pondo-se ao alcance dos alunos os inesgotáveis recursos oferecidos pela própria comunidade: a Praça da Matriz, a leitura na Biblioteca Pública, a consulta a documentos no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a visita a museus e exposições [...] ao atelier e a oficina, sempre com o objetivo de propiciar ao aluno vivências e discriminações capazes de acrescentar sua visão da realidade próxima como apoio para esquemas conceituais progressivamente mais abrangentes e dinâmicos (PACHECO, 1987, p. 155).

O depoimento de Graciema aponta elementos que ajudam a imaginar o contexto vivenciado nos primeiros tempos do CAP/UFRGS e também a refletir a respeito do que se realizava enquanto ensino de Artes Visuais no CAP, naquele período. Sobre os estudantes do colégio, por relatos de docentes da época apresentados em pesquisas recentes, verifica-se que se tratava da “elite da elite” (MOLINA, 2021, p. 156) ou da “elite, da elite, da elite” (ALMEIDA; LIMA, 2015, p. 154). Que ensino de Arte seria cabível ou desejável para esse público? Ainda que tal designação relacionada ao público discente possa ser colocada em

⁹ Neste texto, não explorarei, detalhadamente, o histórico e as questões referentes à ocupação de cada espaço pelo CAP/UFRGS, mas informações relacionadas podem ser encontradas nos trabalhos de Schütz (1994), Almeida e Lima (2015), Lima (2016) e Molina (2021).

questão por outras narrativas e pelas próprias mudanças ocorridas ao longo desses primeiros anos do colégio, se faz contundente questionar acerca do ensino de arte desejável ou considerado adequado aos/às estudantes do CAp/UFRGS.

3 As/os docentes de Artes Visuais e a área de ensino

Conforme consulta à secretaria da escola em 2023 e registros verificados em outros documentos, tem-se o seguinte quadro de docentes efetivos¹⁰ de Artes Visuais no CAp/UFRGS:

Quadro 1 - Docentes efetivos de Artes Visuais do CAp/UFRGS

DOCENTES EFETIVAS/OS	
PERÍODO	DOCENTE
1956-1983	OLGA DA FONTOURA PARAGUASSU
1980 a 1989(?) ¹¹	PABLO ALEJANDRO FABIAN
1969 - 1970(?)	DENYSE MARIA ALCADE VIEIRA
1959 a (?)	MARIA ANITA TOLLENS LINCK
03/1960 a 01/1983	IMIRA EMILIA MACHADO DA ROSA
10/1976 a 04/1999	DORIS SOARES LUBISCO
03/1978 a 01/1996	DELOAH BEATRIZ SILVA DA SILVEIRA
03/1982 a 12/1997	LIA TERESINHA PEREIRA GOMES DE FREITAS
03/1982 a 01/1997	SANDRA TEREZINHA REY
05/1997 a 01/1998	PAOLA BASSO MENNA BARRETO GOMES ZORDAN
04/1998 - atual	LUCIANA HAHN BRUM
05/2005 - atual	SIMONE VACARO FOGAZZI
02/2011 - atual	ALINE DA SILVEIRA BECKER
03/2011 - atual	MICHEL ZÓZIMO DA ROCHA
02/2013 - atual	FERNANDA BULEGON GASSEN
12/2017 - atual	KARINE STORCK

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados disponibilizados pela secretaria do CAp/UFRGS e de consulta a outros materiais. Última atualização em 21/03/2024.

As/Os docentes, no período inicial do colégio atuavam como horistas, por convite da direção escolar. A primeira professora de Artes Visuais da escola, Olga da Fontoura Paraguassu, comenta que “atendendo ao gentil convite [...] aceitei o desafio, um pouco assustada, com o receio de não poder corresponder a expectativa de tão honrosa missão” (PARAGUASSU, [1991] 2004, p. 23). A “honrosa missão” relacionada à ação docente parecia também estender-se aos/às estudantes ainda em formação para a docência: “ser

¹⁰ Em consulta à Divisão de Concursos Públicos (DCP), verifica-se que houve um concurso público em 1996, para Artes Plásticas, e outros dois, em 2002 e 2010, para Artes Visuais.

¹¹ Foram mantidos alguns períodos com interrogações, pois esses dados ainda não puderam ser confirmados a partir da documentação encontrada até o momento.

estagiário (por dois anos) era um privilégio. São todas essas coisas, então, que estavam ao nosso favor”, comenta Isolda Holmer Paes, que compunha a direção da escola (PAES, [1994] 2004, p. 18).

No depoimento da professora Olga da Fontoura Paraguassu, que iniciou suas atividades como professora de Desenho no CAP/UFRGS em 1956-1957¹², a convite da diretora Graciema, registra-se que:

Um dos enfoques era trabalhar com a figura humana. Na ânsia de despertar a criatividade e autenticidade dos alunos, fui introduzindo o estímulo-vivo (presença de modelos) nas provas de avaliação.

E, assim, no primeiro exame, os alunos receberam como modelo-vivo, os "Gaúchos de São Sepé", dupla de lindos garotos, pilchados, que cantavam, trovavam e dançavam. O modelo não estático serviria para impulsionar os alunos a se expressarem livremente, de acordo com a magia do momento! (PARAGUASSU, [1991] 2004, p. 24).

Nesse mesmo relato, a professora Olga Paraguassu registra mais detalhes de suas práticas pedagógicas no CAP e marca a chegada das colegas de área Imira Damiani Pinto e Maria Anita Tollens, “que a assumiram a disciplina de Artes”, passando sua atuação somente para o Desenho Técnico (PARAGUASSU, [1991] 2004, p. 24-25). Quanto às nomenclaturas que compunham o ensino de Artes Visuais no período, de acordo com os documentos, verificam-se Desenho, Desenho Técnico, Expressão Criadora e Artes. Entretanto, não fica evidente o modo por meio do qual tais divisões eram organizadas. Mais tarde, também são referidas Artes Industriais¹³, Artes Plásticas e Fotografia.¹⁴

Ainda no depoimento de Paraguassu, é mencionada a realização de experiências que envolviam

alunos do CAP, alunos da Didática Especial de Desenho da então Faculdade de Filosofia, professoras de Artes do Colégio, professora de Didática Especial e a comunidade em geral, tendo como finalidade verificar o resultado de sala de aula e avaliar os alunos da Didática Especial, cuja atuação servia como estágio da Prática de Ensino, ou seja, representava sua atividade culminante na disciplina. (PARAGUASSU, [1991] 2004, p. 25)

Apesar de tamanha integração entre os estudantes, docentes e a comunidade em atividades relacionadas às Artes Visuais no colégio, a importância ou o lugar das artes no currículo também requeria justificativas, conforme se observa no texto de elaboração das “Sugestões para o Plano de Artes das Classes Experimentais de II Ciclo”, de 1961. Esse documento conta com uma introdução, que contextualiza o que se entende pelas aulas de Artes naquele contexto, e com o “Desenvolvimento programático”, que comenta em quais

¹² Em alguns registros, aparece como 1956 (como nos que foram disponibilizados pela Secretaria do CAP) e em publicação de memórias da autora, há a data de 1957 (PARAGUASSU, [1991] 2004).

¹³ Ofertada a partir de 1983 no currículo do 1º. grau, segundo publicação das docentes do período, tal “componente curricular tem como propósito a formação de indivíduos sensíveis, críticos, participantes e se propõe a criar alternativas individuais numa sociedade de consumo” (REY *et al.*, 1986, p. 77).

¹⁴ A Fotografia era, na época, uma disciplina independente que, por iniciativa de seu ministrante e da professora de Artes Plásticas, passou a compor um projeto integrado entre ambas as disciplinas, com o objetivo de “repensar os conteúdos, criando uma reciprocidade que funcione como **feedback**, permitindo um reajustamento constante entre as duas disciplinas e os novos conhecimentos teóricos e técnicos” (FREITAS; FABIAN, 1987, p. 129, grifo do original).

cursos o programa de Arte será desenvolvido, atentando para o fato de que visará não somente

à formação estética do aluno como também ao seu preparo intelectual e técnico para realizações futuras no campo educacional ou profissional. **Por exemplo, mesmo que o aluno não necessite da cadeira de artes para o ingresso e realização do curso de Medicina, Odontologia, História Natural, ele ficará preparado para melhor realizar êsses estudos, uma vez que tenha aumentado, pelas intuições da figura, da forma e da côr sua - acuidade visual; habilidade manual; e forma de expressão** (CLASSES EXPERIMENTAIS, 1961, n.p., grifo meu).

O plano segue, ainda, determinando as “Linhas de desenvolvimento”, que englobavam o Desenho técnico (subdividido em Geométrico, Projetivo e Perspectivo) e a Expressão Criadora (subdividida em Conhecimentos Básicos, Desenho, Pintura e Experiências Tridimensionais) e apresenta outros detalhamentos, relacionados à possibilidade de trabalho com o plano, ao sistema de verificação e a técnicas de avaliação.

Todavia, ainda que houvesse a proposição de um plano de ensino para o trabalho com as artes, neste breve recorte, especialmente no trecho grifado, é possível perceber a presença da Arte na escola básica sendo justificada como apoio ou servindo a outras áreas de conhecimento. A Arte, pelo que se pode observar no documento, era útil até mesmo na formação de futuros médicos, dentistas e cientistas. Concomitantemente ao período de elaboração desse plano de Classes Experimentais a partir de referentes estrangeiros, estava a promulgação da LDB de 1961, que mencionava a Arte na escola como uma atividade complementar ao currículo, com o caráter de “iniciação artística” (BRASIL, 1961).

De acordo com os estudos de Lima e Almeida (2018), a implementação das Classes Experimentais secundárias durante o período de 1959 a 1981, no CAP/UFRGS, teve como referência as *Classes Nouvelles* francesas, que “faziam parte das reformulações do Ensino Secundário francês no pós-guerra (LECOQ; LEDERLÉ, 2010)” (LIMA; ALMEIDA, 2018, p. 216-217). Entre suas concepções, as *Classes Nouvelles* tinham alguns princípios, como reuniões periódicas de docentes; um currículo geral, com espaço maior para atendimento de variadas aptidões individuais; permanência dos estudantes na escola para atividades extraclasse; articulação no ensino das diferentes disciplinas; e articulação estreita entre famílias e professoras/es (LIMA; ALMEIDA, 2018). Nesse período, a instituição “se constituiu como uma espécie de vanguarda pedagógica na sociedade porto-alegrense” (LIMA; ALMEIDA, 2018, p. 207), tomando como referenciais os estudos pedagógicos europeus.

Graciema Pacheco e Isolda Holmer Paes, diretora e vice-diretora da instituição (de 1954 a 1981 e de 1954 a 1972, respectivamente) estavam diretamente implicadas nesse projeto, realizando estudos, parcerias e intercâmbios. Um ano antes de assumir a vice-direção do CAP, a professora Isolda realizou um estágio no Centro de Sèvres, na França, onde foram concebidas as *Classes Nouvelles* (LIMA; ALMEIDA, 2018, p. 217). Nas palavras de Graciema, o que se propunha, ao assumir-se o caráter experimental, era “uma revisão crítica dos programas oficiais vigentes, dado o mesmo ser objeto de repetidas e insistentes reclamações” (PACHECO, 1987, p. 153), tanto de docentes como de estudiosos da educação e de autoridades escolares.

Segundo a professora Isolda, considerava-se, “na época, que a escola estava exaurida, era uma escola cansada” (PAES, [1994] 2004, p. 17), o que, de acordo com a

experiência com o Ginásio de Aplicação, poderia ser mudado – em conformidade com o discurso escolanovista do período. Isolda destaca que “Os conteúdos todos eram dados, mas nós não seguíamos aquela sequência tradicional, o conteúdo era todo trabalhado e nos dava oportunidade para uma atividade criativa, criadora...” (PAES, [1994] 2004, p. 17).

De acordo com o relato da professora Elisabete Zardo Búrigo, ex-aluna do CAP,

o Aplicação era, sim, um espaço arejado em meio ao sufoco daquele período. Em tempos de "Ame-o ou deixe-o", estávamos dispensados de cantar o hino e hastear a bandeira. Nada de uniformes, aulas de moral e cívica ou de religião. Nada de dia das mães e efemérides do tipo. Tínhamos aula de teatro, íamos ao Parque da Redenção [...] (BÚRIGO, 2004, p. 173).

No entanto, conforme suas palavras: “a liberdade que acreditávamos ter, era, contudo, calculada e confinada. Os limites não eram dados apenas pelo regime militar - a direção da escola cuidava de garantir que o debate interno fosse inofensivo à ordem vigente” (BÚRIGO, 2004, p. 174). Búrigo foi estudante do CAP de 1971 a 1977, período em que demissões e admissões de professores eram muito comuns e não tinham nenhuma justificativa, assim como outras decisões, autoritárias e inquestionáveis, incluindo a própria expulsão da aluna do colégio. Essa reflexão e esse relato da ex-aluna, e hoje professora da UFRGS, foram realizados por ocasião do encontro comemorativo ao 50º aniversário do CAP, em que havia uma placa alusiva à data, em que se lia “50 anos da formação cidadã”.

No entanto, ainda que o CAP/UFRGS fosse um espaço arejado em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1985) e apresentasse determinados avanços em relação ao ensino de Arte, como não reduzi-lo a datas comemorativas, por exemplo, cabe perguntar: que referenciais e concepções artísticas permeavam o trabalho docente, a fim de preservar-se a ordem vigente?

Relacionados também a esse período, encontrei registros fotográficos¹⁵ de aulas de Artes Visuais que ocorreram no 5º andar do Prédio Azul¹⁶ e também de uma atividade desenvolvida no Parque da Redenção, conforme segue.

¹⁵ Os registros foram disponibilizados a mim pela colega da área de Artes Visuais do CAP/UFRGS Luciana Brum, no início de 2018, logo depois de minha chegada à escola.

¹⁶ Neste prédio, ocorrem hoje as disciplinas de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. O prédio, atualmente, é ocupado pela Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS, com aulas da Graduação em Pedagogia, dos cursos de licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Figura 3 - Aula de Artes Visuais no Prédio Azul (1977).



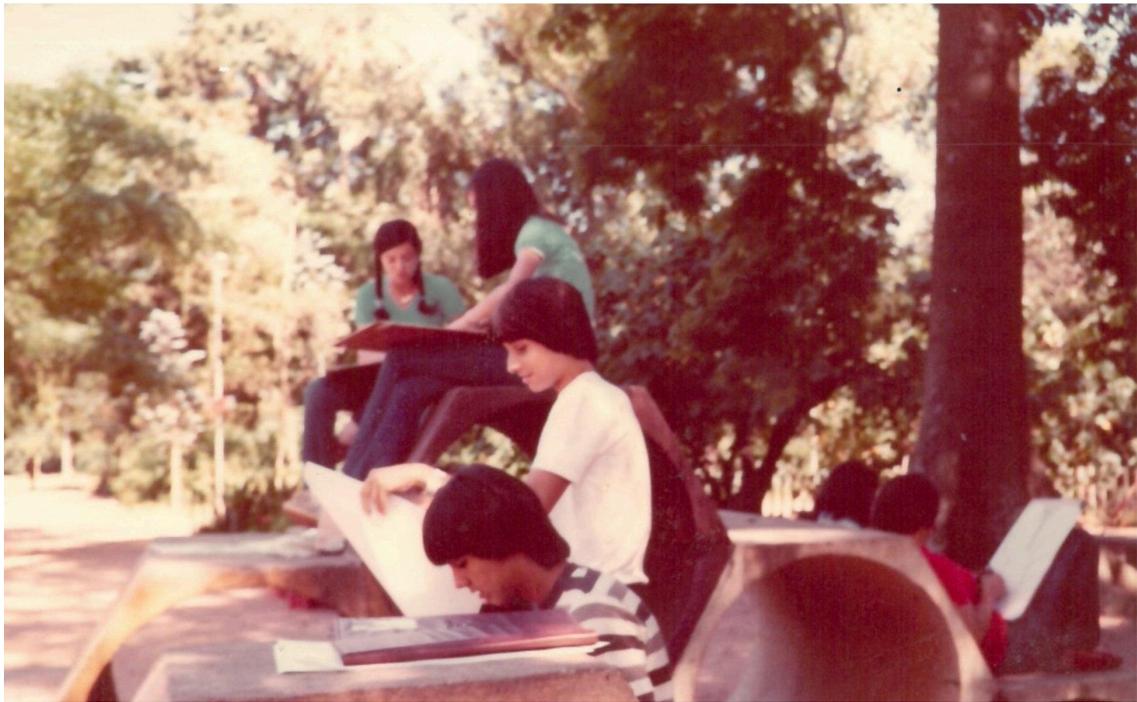
Fonte: Fotografia cedida pela prof^a. Luciana Brum.
Inscrição no verso: “Aplicação; Dez. 77; Doris”.

Figura 4 - Aula de Artes Visuais no Prédio Azul (1977).



Fonte: Fotografia cedida pela prof^a. Luciana Brum.
Inscrição no verso: “Aplicação; Dez. 77; Doris”.

Figura 5 - Aula de Artes Visuais no Parque da Redenção (1980).



Fonte: Fotografia cedida pela profª. Luciana Brum.
Inscrição no verso: “1980; 2º grau; 2º ano; Doris”.

Figura 6 - Aula de Artes Visuais no Parque da Redenção (1980).



Fonte: Fotografia cedida pela profª. Luciana Brum.
Inscrição no verso: “2º grau; 1980; turma 92; [lista com nomes de estudantes]; Doris”.

Nas fotografias, além de observarem-se os registros das práticas de ensino desenvolvidas e imaginar-se a quais propostas estariam relacionadas, evidencia-se também a relação com o espaço ocupado pelas aulas de Artes Visuais.

O compartilhamento dos espaços entre a Universidade e a própria escola de educação básica (o CAP/UFRGS) é uma questão interessante a ser salientada. O Colégio (que se expande ao longo dos anos¹⁷) ocupa, primeiramente, locais próximos ao curso universitário de formação de professores, justamente para servir-lhe como campo de prática. No entanto, enquanto as crianças

explodiam em criatividade e saudável alegria, os austeros professores da Faculdade de Filosofia, iam organizando o coro da insatisfação “criança não anda de elevador; a Faculdade não é lugar para criança; descem escadas correndo e barulhando... pulam no terraço (faziam ginástica no terraço) e perturbam as aulas do 3º andar (PAES, 1983, p. 78).

Além do relato de Paes, que remonta aos primórdios do Colégio, há outro, da época em que o CAP compartilhou o Prédio Azul com a FACED¹⁸. Na forma de um ofício da diretora da Faculdade de Educação ao Pró-reitor de Administração, o documento explicita os problemas decorrentes do compartilhamento de espaço:

Conforme é do seu conhecimento, a Faculdade de Educação e o Colégio de Aplicação têm encontrado dificuldades na solução de seus problemas de espaço físico, face à exiguidade do mesmo e dos interesses conflitantes que orientam as prioridades para sua utilização. Recentemente, desencadeou-se intensa discussão nas duas comunidades, uma vez que a Divisão de Educação Física do Colégio reivindicava espaço da FACED para nele instalar guarda de seu material esportivo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994).

4 O CAP/UFRGS e o Instituto de Artes (IA/UFRGS)

Além de pensar sobre a relação com a FACED, a constituição do ensino de Artes Visuais no CAP/UFRGS faz também remontar à sua relação com o Instituto de Artes (IA) da UFRGS. O IA é unidade que abriga o curso de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais da Universidade¹⁹, cuja origem antecede a criação da própria instituição, em que também se formaram as primeiras docentes que atuaram no CAP/UFRGS.

Datado de 1908, a formação do IA se deu por

¹⁷ O início das atividades do CAP/UFRGS se deu com “uma turma de 1º. ano do Ginásio, o equivalente a uma turma de 7º. ano atualmente. [...] As demais etapas de ensino do CAP/UFRGS foram sendo gradativamente constituídas, primeiramente a etapa do 2º Grau e as séries finais do 1º Grau e, no ano de 1979, foi implantada a 1ª. série do 1º. Grau. A conclusão de toda a etapa do 1º. Grau ocorreu no início da década de 80” (LEITE, 2019, n.p.).

¹⁸ No ano de 1966, o CAP passa a ocupar o Prédio Azul, ou “Torre Azul”, como o espaço também era conhecido, que havia sido construído para ser uma sede do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) junto ao Campus Central da UFRGS. Anos mais tarde, em 1970, esse espaço também passa a ser ocupado pela Faculdade de Educação, criada a partir da Reforma Universitária de 1968 (MOLINA, 2021; LIMA, 2016).

¹⁹ Abriga também os cursos de licenciatura e bacharelado em Música (que têm início com outra configuração, em 1908) e Teatro (com início 1958, mas que só se integra ao IA em 1970 (WOLKMER; BERTONI, 2016)) e bacharelado em História da Arte (desde 2010).

lideranças regionais, oriundas de um **projeto civilizatório solidário**, constituído pelos Cursos Superiores Livres criados na capital do estado do Rio Grande do Sul, durante a Primeira República Brasileira. Numa segunda etapa, esses Cursos Superiores Livres, constituíram a Universidade de Porto Alegre, como a primeira universidade do Rio Grande do Sul (SIMON, 2003, p. 5, grifo meu).

O que significaria “civilizar”, nesse contexto? Como o ensino de arte fez parte de um “projeto civilizatório solidário” no estado do Rio Grande do Sul? A quem servia tal projeto? São questões que se abrem a partir dos movimentos de busca e compreensão da constituição do ensino de AV no CAP/UFRGS em diálogo com os referenciais elencados.

O primeiro curso relacionado às Artes Visuais no IA foi denominado, inicialmente, como Curso de Artes Plásticas, em 1910. No ano de 1941, o curso obteve o reconhecimento federal²⁰ e, em 1973, sua

grade curricular foi atualizada atendendo às solicitações da Lei de Regulamentação de 1968 que combinada com a Lei de 1971 definiu um Currículo Mínimo Obrigatório como componente da grade curricular dos cursos superiores (Informações do site da instituição²¹).

Antes dessa atualização curricular, o Instituto de Artes²² passou por diversas integrações, desintegrações e reintegrações com a Universidade, até ser definitivamente reincorporado à UFRGS, no ano de 1948 (BRITES *et al.*, 2012).

A criação do Curso de Professorado em Desenho (do qual decorre hoje a licenciatura em Artes Visuais) foi proposta em 1962, pela Direção do IA, “por considerar altamente necessária a integração do artista no meio econômico e social, profissionalmente”; entretanto, “não houve receptividade por parte desse nobre colegiado” (UFRGS, 1969, p. 27)²³. O início do Curso de Professorado em Desenho ocorreu, então, no ano de 1965, por força da lei (UFRGS, 1969). Nessa turma, esteve como estudante Dóris Soares Lubisco, professora do CAP/UFRGS de 1976 a 1999.

Antes disso, em 1959, foi criada a Escolinha de Artes da UFRGS, decorrente de um movimento maior, relacionado ao Movimento Escolinhas de Arte (MEA), que ocorre no Brasil e em outros países latino-americanos. Na pesquisa de mestrado que resultou na publicação “Escolinha de Artes da UFRGS (1960-2011): 51 anos de arte/educação”, Leal (2021) aponta que a maioria dos professores da Escolinha havia sido formada pelo IA, assim como muitos estudantes do IA tiveram parte de sua formação na Escolinha. Isso se confirma no relato da professora Lia Gomes de Freitas²⁴, docente no CAP de 1982 a 1997.

²⁰ Obtido por meio do Decreto Federal n. 7.197, de 20 de maio de 1941.

²¹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/institutodeartes/index.php/graduacao-licenciatura-em-artes-visuais/> Acesso em: 19 nov. 2023.

²² O IA foi nomeado inicialmente como Instituto Livre de Bellas Artes (ILBA-RS) e, na sequência, como Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (IBA - RS) (SIMON, 2003).

²³ Aqui, apresento a referência do relatório, mas essa informação também consta no Arquivo Histórico do Instituto de Artes (AHIA), na ata de reunião do colegiado datada de 1962, nas mesmas expressões referidas no relatório.

²⁴ A professora relata em vídeo sua trajetória pessoal. Disponível em: FREITAS, Lia Gomes de. **Minha vocação sempre foi ser professora.** [S. l.], 16 nov. 2023. Instagram: @liagomedefreitas. Disponível em:

Dividindo o prédio com o IA, de 1960 a 1995, a Escolinha de Artes da UFRGS, a partir de 1972, funcionou como laboratório de Arte/Educação para os cursos de licenciatura. Era ofertado o Curso Intensivo em Arte-Educação (CIAE), conhecido pelos estudantes do IA (de Artes Plásticas, Teatro e Música) como o “estágio na Escolinha de Arte” (Leal, 2021, p. 72). Porém, apesar da relação estreita entre a Escolinha de Artes e o IA/UFRGS, bem como do papel da Escolinha na formação dos professores de Arte da época, até o momento, não encontrei documentos ou relatos sobre a vinculação da Escolinha e do IA com a área de Artes Visuais do CAP/UFRGS, ou com o próprio CAP.

5 Pensar o passado para redesenhar o presente

Perguntar-se sobre a constituição da área de ensino de Artes Visuais no CAP/UFRGS implica também investigar, descrever e compreender eventos variados e discontinuidades que compõem o contexto histórico, a constituição e a gestão do próprio colégio. Estão implicadas as lutas, os referenciais pedagógicos, os desejos, os percalços, os interesses, os acasos e os conflitos, as compreensões do papel da escola pública e da arte, assim como as/os estudantes e as/os professoras/es, o lugar de onde falam e sua “posição de sujeito” (FISCHER, 2012, p. 84). Porém, não no sentido de personalizar²⁵ o que ocorreu ou de buscar interpretar o que estaria “por trás” dos documentos” (FISCHER, 2012, p. 74), mas de, a partir desses documentos, fatos e eventos diversos, conseguir recompor de algum modo as práticas que objetivaram o ensino de Artes Visuais naquele momento.

Trata-se, em certa medida, de um exercício de buscar escavar determinadas materialidades, mostrando sua “nudez de funcionamento” a fim de expor “os modos pelos quais o poder e o saber se articulam, dando origem a campos disciplinares que assumem estatuto científico” (MARTINS; ALMEIDA, 2013, p. 24). Nesse exercício ainda em elaboração, pretendo refletir sobre a constituição e a naturalização de determinadas práticas que foram caracterizando ou dando forma ao que se compreendeu por ensino de Artes Visuais na época – e que, de algum modo, reverbera no que foi sendo entendido posteriormente e também impõe determinados limites ao que poderia ser concebido e enunciado como prática do ensino de Arte no presente. Interessa-me, portanto, “perceber de que maneira as *práticas* discursivas e as não-discursivas, as redes de poder constituem determinadas configurações culturais e históricas que resultam na produção de determinados objetos e de determinadas figuras sociais” (RAGO, 1995, p. 75, grifo do original), em um movimento diverso de uma história linear, contínua e evolucionista.

Esse movimento implica, também, refletir sobre o pensável e o impensável em relação ao que se fazia – ou ao que era possível, desejável ou, até, ao que se era instruído a fazer –, em determinado tempo, como ensino de Arte; ou ainda, às racionalidades às quais o ensino estaria vinculado, levando-se em conta que tais práticas é que passam a compor o que se considerou como ensino de Arte. E, mesmo que os objetos pareçam “determinar nossa

https://www.instagram.com/reel/CztOeoBujb1/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=ODhhZWM5NmIwOO==. Acesso em: 18 nov. 2023.

²⁵ Compreendendo que “nos discursos sempre se fala de algum lugar, o qual não permanece idêntico: falo e ao mesmo tempo sou falado; enuncio individualmente, de forma concreta, constituindo provisoriamente *um*, ambicionando jamais cindir-me, porém a cada fala minha posiciono-me distintamente, porque estou falando ora de um lugar, ora de outro, e nesses lugares há interditos, lutas, modos de existir, dentro dos quais me situo, deixando-me ser falado e, ao mesmo tempo, afirmando de alguma forma minha integridade” (FISCHER, 2012, p. 83, grifo do original).

conduta, [...] primeiramente, nossa prática determina esses objetos. [...] o objeto não é senão o correlato da prática” e, portanto, não existe antes dela (VEYNE, 1982, p. 159, grifo meu).

Só se faz ou só se exerce o que se conhece ou se imagina como possível. Faz-se o que se faz, muitas vezes, porque sequer se imagina que seria possível fazer diferente. Daí advém a importância das lentes foucaultianas, que ajudam a deslocar o pensamento e suspender esse lugar das verdades cristalizadas, e levam a questionar sobre o que se está fazendo de si mesmo no cotidiano escolar, na atuação como professoras/es de Artes Visuais, ou, de acordo com Fischer (2012, p. 26), “como (cheguei) chegamos a ser a diferença que (sou) somos agora”.

Nas palavras da professora Rosa Bueno Fischer:

o convite de Foucault é que, através da investigação dos discursos, nos defrontemos com nossa história ou nosso passado, aceitando pensar de outra forma o agora que nos é tão evidente; assim, nos libertamos do presente e nos instalamos quase num futuro, numa perspectiva de transformação de nós mesmos (FISCHER, 2012, p. 96).

No sentido de compreendermos que o que fazemos hoje, do modo como fazemos e entendemos ser possível fazer, não é a única forma possível e que, muito menos, isso se dá de modo natural. Segundo Veyne (1982, p. 157-160), a prática, para Foucault, “é o que fazem as pessoas” , e, em sua obra, ele “tenta falar sobre isso de uma maneira *exata*, descrever seus contornos pontiagudos, em vez de usar termos vagos e nobres”, mostrando-a “como é verdadeiramente, arrancando-lhe a veste drapeada” (VEYNE, 1982, p. 160, grifo do original). Esse é um dos movimentos que serão explorados na continuidade do trabalho investigativo, a fim de perceber que “existem mais coisas que devem ser explicadas” na história; que “existem contornos bizarros que não eram percebidos” (VEYNE, 1982, p. 160). Assim, o trabalho de Foucault, e de quem se propõe a pesquisar a partir de suas teorizações, consiste “em compreender que as coisas não passam de objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas a luz, já que a consciência não as concebe” (VEYNE, 1982, p. 162).

Por isso, acredito que colocar em suspensão as verdades relacionadas ao ensino de Artes Visuais a partir de uma análise das práticas que o objetivaram no CAP/UFRGS pode ser uma maneira de dar a ver outras histórias e de possibilitar novas escritas dessa, no exercício de tomar as teorizações foucaultianas como “uma ferramenta capaz de nos fazer ver mais longe e pensar mais sobre os objetos e as paisagens com que nos relacionamos quotidianamente” (MARTINS, 2014, p. 59).

Quando cheguei ao CAP/UFRGS pela primeira vez, em 2009, como monitora da área de Artes Visuais, me deparei com um forno de cerâmica junto à sala de aula das artes visuais. Fato que é muito raro em uma escola básica e que, comumente, chama a atenção de quem chega ao espaço. Agora, passados mais de 10 anos, e iniciando as escavações a fim de compreender como se estabelece a prática da cerâmica junto ao ensino de Artes Visuais no colégio, esbarro com algo completamente inesperado em um relato da professora Lia Gomes de Freitas, que atuou no CAP de 1982 a 1997.

O forno de cerâmica foi levado ao colégio pela professora Lia, que buscava “na cerâmica uma prática na qual ela conseguiria não intervir no trabalho das/os estudantes”, e

assim se inicia, no CAP, o trabalho com a cerâmica, conforme o relato da docente²⁶. O forno, objeto imponente, mesmo que atualmente deteriorado, permanece na sala de Artes Visuais, informando o *status* de uma escola que possui tal equipamento. Já foi utilizado com diferentes finalidades (relacionadas a projetos desenvolvidos no currículo e a projetos de extensão), e, nos últimos tempos, seu uso foi reduzido por falta de orçamento para manutenção e por questões de segurança, já que o aparato localiza-se no espaço do laboratório das Artes Visuais.

Para Foucault (2011, p. 18), “a história ensina também a rir das solenidades da origem”. Conhecer a “não solene” procedência da cerâmica como uma prática da área de ensino de Artes Visuais no CAP desarma uma ideia de história composta somente por feitos grandiosos e por continuidades, no movimento de “uma nova forma de história”, como proposto pelo autor em “A Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 2020, p. 06) e desenvolvido em outras de suas obras (FOUCAULT, 1992; 2019; 2021), compreendendo o valor da história para uma sociedade como “uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental que dela não se separa” (FOUCAULT, 2020, p. 08, grifo do original).

Em referência ao trabalho genealógico desenvolvido por Nietzsche, Foucault propõe um modo de pesquisa histórica que alude à “pesquisa da proveniência”. Em suas palavras:

Seguir o filão complexo da proveniência é [...] manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: demarcar os acidentes, os ínfimos desvios - ou ao contrário, as inversões completas - os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos - não existe a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente (FOUCAULT, 2011, p. 21).

Isso requer trabalhar na perspectiva de compor/escrever uma história que “problematiza as séries, os recortes, os limites, os desníveis, as defasagens, as especificidades cronológicas, as formas singulares de permanência, os tipos possíveis de relação” (FOUCAULT, 2020, p. 12) e que pergunta também sobre a emergência de determinados discursos. É um grande desafio nos estudos que seguem no intuito de reelaborar/remontar a constituição da área de ensino de Artes Visuais no CAP/UFRGS, a fim de contribuir de modo a pensar e colaborar com a continuidade desta área de ensino, de um modo ético, implicado com o real (GARCÉS, 2022) e com as necessidades e urgências do tempo presente.

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; LIMA, Valeska Alessandra de. O Colégio de Aplicação da Ufrgs e suas precursoras: memórias apagadas (1954-1996). **Conjectura: Filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 20, n.1, p. 141-163, jan./abr. 2015.

BRASIL. **Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1961. Disponível em:

²⁶ Em vídeo, a professora relata sua trajetória pessoal. “[...] Consegui um forno de cerâmica e aí comecei a usar esse forno também com os alunos. E foi uma descoberta porque não existia nada de cerâmica ainda no Colégio de Aplicação. [...] Uma coisa que muito me interessou a fazer cerâmica foi [...] eu tinha que descobrir alguma coisa, algum trabalho pra fazer que eu não tivesse vontade de mexer no trabalho dos alunos” (FREITAS, 2023).

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-pu-blicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BRITES, Blanca; CATTANI, Icleia Borsa; GOMES, Paulo; BULHÕES, Maria Amélia. **100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS**: três ensaios. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

BURIGO, Elisabete Zardo. O Aplicação contra o Aplicação. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 17, n. 1/2, p. 173-176, jan./dez. 2004.

CLASSES EXPERIMENTAIS II Ciclo – Colégio de Aplicação U.F.R.G.S. 1961. **Sugestões para o plano de “artes” das classes experimentais de II Ciclo**. 1961. Arquivo do Memorial do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 294-300.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 29. reimpr. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011. p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2021.

FREITAS, Lia Gomes de. **Minha vocação sempre foi ser professora**. [S. l.], 16 nov. 2023. Instagram: @liagomedefreitas. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CztOeoBujb1/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=ODhhZWm5NmIwOO==. Acesso em: 18 nov. 2023.

FREITAS, Lia Terezinha Pereira Gomes de; FABIAN, Pablo Alejandro. Artes visuais: um projeto que já é realidade. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 129-131, jul./dez. 1987.

GARCÉS, Marina. A honestidade com o real. Tradução de Luísa Rabello. **Caderno de Leituras**, n. 155, 2022. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno155/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

HISTÓRICO da Faculdade de Filosofia da UFRGS. s.d. Arquivo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LEAL, Flávia. **Escolinha de Arte da UFRGS (1960-2011)**: 51 anos de arte/educação. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

LEITE, Luciane Andreia. Trajetórias escolares: uma análise sobre as condições de permanência de um grupo de alunos do Colégio de Aplicação da UFRGS. *In*: 8º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO / 5º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 2019. **Anais [...]**. Canoas: PPGEDU, 2019. Disponível em:

https://www.2019.sbece.com.br/site/anais2?AREA=11#php2go_top. Acesso em: 19 nov. 2023.

LIMA, Valeska Alessandra de. **Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas adormecidas entre o Arquivo e a Memória Oral (1954-1981)**. UFRGS, 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LIMA, Valeska Alessandra de; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. O Colégio de Aplicação/UFRGS e a difusão das classes experimentais secundárias: entre o arquivo e a memória oral (1959-1981). **Revista História da Educação**, v. 22, n. 56. p. 207-227, set./dez. 2018.

MARTINS, Catarina (Cat). Questionando práticas naturalizadas em educação artística a partir de Michel Foucault. **Revista Derivas #01 – Investigação em Educação Artística**, Porto, Editora i2ADS / FBAUP, p. 41-62, 2014. Disponível em: <https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2021/11/derivadas-1.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MARTINS, Catarina (Cat); ALMEIDA, Catarina. Que sentido para a investigação em educação artística senão como prática política? **Educação, Sociedade & Culturas**, [S. l.], n. 40, p. 15-29, 2013. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/300>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MOLINA, William Fernandes. **Docência e ensino de teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS (1954-1996)**: memórias emprestadas para uma narrativa sobre as bases de um projeto pedagógico. UFRGS, 2021, 473 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/219211>. Acesso em: 18 maio 2023.

PACHECO, Graciema. Colégio de Aplicação: a busca da espontaneidade, da comunicação e da interação social criadora. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 153-156, jul./dez. 1987.

PAES, Isolda Holmer. Colégio de Aplicação: naqueles primeiros dias. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 75-81, jan./abr. 1983.

PAES, Isolda Holmer. Depoimento da Professora Isolda Paes [1994]. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 17, n.1/2, p.17-21, jan./dez. 2004.

PARAGUASSU, Olga da Fontoura. Discurso da Professora Olga da Fontoura Paraguassu na homenagem recebida no dia da inauguração da Sala de Atividades Múltiplas [1991]. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 17, n. 1/2, p. 23-26, jan./dez. 2004.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 7, n. 1/2, p. 67-82, 1995.

REY, Sandra Teresinha; SILVEIRA, Deloah Beatriz Silva da; LUBISCO, Dóris Soares; FREITAS, Lia Terezinha Pereira Gomes de. A disciplina de Artes Industriais no currículo de 1º. grau do Colégio de Aplicação. **Cadernos do Aplicação**, v. 1, n. 2, p. 77-82, jul./dez. 1986.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. A formação superior em história na UPA/ UFRGS/ UFRGS de 1943-1971. **História da Historiografia: International Journal of Theory and**

History of Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 11, p. 122-139, 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/544>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SCHÜTZ, Liane Saenger. **Sótãos e Porões**: sacudindo a poeira do Colégio de Aplicação. Porto Alegre. PUCRS, 1994. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

SIMON, Círio. **Origens do Instituto de Artes da UFRGS**: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema de artes visuais do Rio Grande do Sul. PUCRS, 2003. 661 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Artes. **Relatório da professora Aurora M. C. Desidério**: correspondente ao período de sua direção de 22-5-1962 a 31-5-1969. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1969.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Ofício de 16 de agosto de 1994**. Sobre conflito de espaço FACED/CAP. 1994. Arquivo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Ofício de 12 de janeiro de 1954**. Do Diretor da Faculdade de Filosofia. Ao Reitor Magnífico da Universidade Federal do Rio Grande Sul. Assunto: Propõe criação do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia. 1954. Arquivo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a História. In: VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. Brasília: UNB, 1982.

WOLKMER, Juliana; BERTONI DOS SANTOS, Vera Lúcia. Do CAD ao DAD: a construção de uma territorialidade alicerçada na prática teatral dentro da universidade. *Cena, [S. l.]*, n. 20, p. 60-71, 2016. Disponível em: <https://seer.ufgs.br/index.php/cena/article/view/63652>. Acesso em: 19 nov. 2023.

Contribuições da autoria

Karine Storck: Conceitualização, Organização, Investigação, Interpretação e Análise de Dados, Metodologia e Redação.

Data de submissão: 27/03/2024

Data de aceite: 24/04/2024